

**O GLOBAL E O LOCAL NA CONTEMPORANEIDADE:** percepções  
do fenômeno do êxodo rural no Extremo Oeste Catarinense

**THE GLOBAL AND THE SITE IN CONTEMPORANEITY:** perceptions of the  
phenomenon of the rural exodus in the Extreme West of Santa Catarina

**EL GLOBAL Y EL LOCAL EN LA CONTEMPORANEIDAD:** percepciones  
del fenómeno del éxodo rural en el Extremo Oeste Catarinense

José Fabiano de Paula

Professor Doutor do Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)  
Rio Grande do Sul–RS, Brasil  
josefabianodp@gmail.com  
jose.paula@caxias.ifrs.edu.br

Leonidas Roberto Taschetto

Professor Doutor da Universidade La Salle (UNILASALLE)  
Canoas–RS, Brasil  
leontaschetto@yahoo.com.br  
leonidas.taschetto@unilasalle.edu.br

## Resumo

Este artigo analisa a influência do Global no Local em relação ao fenômeno do êxodo rural, tomando como referência a macrorregião do Extremo Oeste Catarinense-SC, Brasil. A pesquisa é qualitativa com delineamento bibliográfico, de tipo estudo de caso, com utilização de anotações de caderneta de campo, entrevistas estruturadas e focalizadas. O aporte teórico se fundamenta em Santos (1992, 2003, 2004, 2008, 2012), Gil (2008), Tarde (2005), Silva (2010) e Marx; Engels (2006a, b). A globalização, como modelo hegemônico, interfere no Lugar, assim como o Local pode influenciar o Global. No embate dessas forças, que poderiam ser complementares, emerge o antagonismo entre Campo e Cidade. As comunidades rurais do recorte espacial estabelecido, representados especialmente por uma parcela de pais e filhos, reforça a ideia de superioridade do Global sob o Local nessa região, utilizando-se, para isso, de fatores econômicos e socioculturais conscientes ou inconscientemente, entre esses sujeitos, inclusive, na área da educação.

**Palavras-chave:** Local. Global. Espaço. Êxodo Rural. Extremo Oeste Catarinense.

## Abstract

This article analyzes the influence of the Global Local in relation to the rural exodus phenomenon, taking as reference the macroregion of the Far West of Santa Catarina-SC, Brazil. It is a qualitative study with a bibliographical design, of a case study type, with the use of notebook notes, focused and structured interviews. The theoretical contribution is based on Santos (1992, 2003, 2004, 2008, 2012), Gil (2008), Tarde (2005), Silva (2010) and Marx; Engels (2006a, b). Globalization, as a hegemonic model, interferes in the Place, just as the Local can influence the Global. In the clash of these forces, that could be complementary, emerges the antagonism between Countryside and City. The rural communities of the established spatial configuration, represented particularly by a part of parents and children, reinforce the idea of superiority of the Global over the Local in this region, consciously or unconsciously using economic and sociocultural factors among these subjects, including in the area of education.

**Keywords:** Place. World. Space. Rural-urban Migration. Far West of Santa Catarina.

## Resumen

Este artículo analiza la influencia del Global en el Local en relación al fenómeno del éxodo rural, tomando como referencia la macrorregión del Extremo Oeste Catarinense-SC, Brasil. La investigación es cualitativa con delineamiento bibliográfico, de tipo estudio de caso, con utilización de anotaciones

de caderno de campo, entrevistas estruturadas e focalizadas. El aporte teórico se fundamenta en Santos (1992, 2003, 2004, 2008, 2012), Gil (2008), Tarde (2005), Silva (2010) y Marx; Engels (2006a, b). La globalización, como modelo hegemónico, interfiere en el local, así como el local puede influir en el Global. En el embate de esas fuerzas, que podrían ser complementarias, emerge el antagonismo entre Campo y Ciudad. Las comunidades rurales del recorte espacial establecido, representadas especialmente por una parcela de padres e hijos, refuerza la idea de superioridad del Global bajo el local en esa región, utilizando, para, eso de factores económicos y socioculturales conscientes o inconscientemente, entre esos sujetos, incluso en el ámbito de la educación.

**Palabras clave:** Local. Global. Espacio. Éxodo Rural. Extremo Oeste Catarinense.

## 1 INTRODUÇÃO

Na tentativa de nos aproximarmos dos conceitos de Global e Local, realizamos um levantamento bibliográfico dos estudos do autor Milton Santos<sup>1</sup>. Nesse sentido, seguimos a orientação de Gil (2008, p. 75): “recomenda-se que seja feita uma leitura seletiva, ou seja, uma leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam.” Somados a isso, optamos por também procurar entender as concepções de Campo e Cidade e sua relação direta do primeiro com o Global e o Local.

Além do mapeamento bibliográfico no sentido de melhor elucidar conceitos supracitados, recorreremos a um recorte espacial para a análise do fenômeno: Extremo Oeste Catarinense. Nesta macrorregião do estado de Santa Catarina-Brasil, aplicamos duas técnicas de coleta de dados: as entrevistas com destaque para a “focalizada” que se caracteriza por ser um tipo de conversa simples/informal, porém diferencia-se pelo seu enquadramento em um determinado tema, e a entrevista estruturada com a realização de perguntas organizadas e criadas antecipadamente (GIL, 2008).

A caderneta de anotação também foi usada, porém seu registro foi efetuado após o encerramento da entrevista. Gil (2008, p. 119) destaca que “o registro das informações só deve ocorrer após os entrevistados terem tido oportunidade de responder completamente às indagações e de eventualmente corrigirem alguma informação que tenha sido dada durante a resposta.”

Nossos entrevistados são pais e filhos, residentes nas comunidades rurais dos municípios de São Miguel do Oeste, Paraíso e Caibi. Eles foram inquiridos sobre os motivos do êxodo rural naquela região, ora informalmente ora com questionamentos estruturados. As Escolas do Campo foram um dos espaços onde se produziram alguns dos depoimentos aqui recortados.

Por esse motivo dedicamos uma parte significativa da escrita do artigo a uma explicitação dos conceitos supracitados, sobretudo para que, em um futuro próximo, sirvam de base a outros estudos envolvendo o “Lugar camponês” com os sujeitos que lá habitam e o modificam cotidianamente. Embora a Educação do Campo não esteja fortemente destacada nas linhas que se seguem, ela é uma das forças propulsoras do nosso estudo<sup>2</sup>.

Assim, antes de partirmos para o debate sobre as origens do Global e suas múltiplas facetas, há necessidade de identificarmos a função do capital no mundo globalizado e da inserção do Brasil contemporâneo nesse modelo.

## 2 O CONTEXTO INTERNACIONAL E A INSERÇÃO DO BRASIL NO MUNDO GLOBALIZADO

As relações de poder exercidas a partir da globalização e concedidas aos grupos economicamente dominantes oportunizaram a fluidez do capital como também das empresas transnacionais em busca dos melhores espaços. Por isso, os “grandes” banqueiros, investidores, latifundiários e empresários, de posse de seu capital, circulam livremente e velozmente pela superfície terrestre, impondo o seu poder econômico

<sup>1</sup> As obras se encontram nas referências deste artigo.

<sup>2</sup> Acreditamos que as reflexões acerca do Global e Local, contidas neste trabalho, são necessárias e possam ser contributivas para se compreender a Educação do Campo como um modelo de resistência ao processo globalizante de homogeneizar a sociedade contemporânea.

diante da submissão dos países periféricos, como também das suas populações e dos sujeitos incrustados.

Nesse sentido, as fronteiras se desfazem ou se tornam fictícias; a soberania dos Estados se fragiliza, ficando, muitas vezes, refém da lógica do capital. Esse capital especializa o espaço, definindo estratégias, como o emprego de novas tecnologias. Conseqüentemente, o ser humano é condicionado a se adaptar às regras vigentes caso pretenda permanecer no seu local ou a migrar para outras áreas onde ele poderá ser absorvido através da sua mão de obra.

Embora os fluxos migratórios possam ser estimulados por diferentes motivos, a globalização, na contemporaneidade, é uma das principais causas. Inclusive, com o impulso da Segunda Revolução Industrial em meados do Século XIX e, mais tarde, com a passagem da 1ª e 2ª Guerras Mundiais, a Guerra Fria, a globalização vai ganhando força pela capacidade tecnológica que lhe vem servindo de base. Referimo-nos ao aperfeiçoamento dos fluxos como transporte e informação que passa a evoluir, coincidindo, assim, com o período histórico de maior migração.

A metade do século XIX marca o começo da maior migração de povos na História. Seus detalhes exatos mal podem ser medidos, pois as estatísticas oficiais, tais como eram feitas então, não conseguem capturar todos os movimentos de homens e mulheres dentro dos países ou entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento de oceanos e a penetração em zonas de fronteiras [...]. (HOBSBAWM, 1997, p. 271).

Os países subdesenvolvidos e marcados pela sua inserção no mercado global, altamente competitivo, veem suas indústrias desaparecerem ou passarem por uma readaptação a duras penas, assim como no Brasil. A cultura hegemônica induz a um “pensamento e fazer” homogêneo subsidiado pelo capital, subjugando assim, o “ser” ao “ter”.

A incapacidade de se posicionar contrariamente a esse modelo alienígena/externo às comunidades, torna-se impossível pelo fato desse fenômeno ter sido construído ideológico e historicamente. Também foi retroalimentado pelos próprios Estados Nacionais jovens que se criaram, ou ainda pelos grupos hegemônicos minoritários que lá exerciam seu poder, solidarizando-se.

Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante. [...] A política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas. (SANTOS, 2003, p. 66-67).

O Brasil, não distante disso, tem na década de 90 do século XX, a sua inserção econômica no processo de globalização através do governo político neoliberal que ascendeu ao poder<sup>3</sup>. O Estado privatizou empresas estatais e autorizou a importação de mercadorias, até então protegidas, fazendo com que a indústria nacional sofresse com a competitividade externa. Um dos resultados foi a falência de muitas empresas e o aumento do desemprego e a decadência financeira de muitos municípios que possuíam uma determinada especialidade produtiva<sup>4</sup>.

Na perspectiva desse novo modelo, os espaços além de servirem a uma dada especialização, também passaram a se preocupar com a circulação de mercadorias,

<sup>3</sup> Em 1997, durante o governo FHC (1994-2002), o período foi marcado pela abertura do mercado interno para a globalização. Sallum Jr. (1999, p. 38) destaca que não se tinha a intenção de desenvolver uma indústria nacional. “Pelo contrário, além das empresas estrangeiras terem sido equiparadas constitucionalmente às nacionais, a orientação básica do Estado tem sido a de atrair ao máximo os investimentos estrangeiros e promover sua associação com empresas nacionais.”

<sup>4</sup> Exemplo disso foi o município de Novo Hamburgo no Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul-Brasil. Conhecida nacional e internacionalmente como a capital brasileira do calçado, vê-se a mercê da concorrência desleal com a China, país também continental e com a maior população do mundo (em torno de 1,36 bilhão de habitantes), possuidora de uma legislação trabalhista flexível que acaba por repercutir no preço final da produção do calçado. Além disso, muitos chineses vieram recrutar técnicos da área para ensiná-los a melhor qualificar o seu produto. A consequência foi uma forte crise regionalizada, ampliando a pobreza e os índices de criminalidade, em especial na cidade em questão.

ambos a serviço das demandas dos grupos hegemônicos empoderados político e financeiramente. Nas palavras de Santos (2004, p. 240-241):

O processo de especialização, criando áreas separadas onde a produção de certos produtos é mais vantajosa, aumenta a necessidade de intercâmbios, que agora se vai dar em espaços mais vastos, [...]. Como se produzem, cada vez mais, valores de troca, a especialização não tarda a ser seguida pela necessidade de mais circulação. O papel desta, na transformação da produção e do espaço, torna-se fundamental.

Pelo fato de o Brasil possuir uma fronteira agrícola ainda não consolidada e conter grandes jazidas de minerais, ficou estereotipado, no campo econômico, como um “país celeiro” do mundo e grande “fornecedor de matérias primas” para os países de economia planificada.

Essa nova “ordem econômica mundial” passou a promover entre os países emergentes a “desordem” não só econômica, mas também sociocultural. Diante deste cenário, demorou alguns anos para que o Brasil se (re) encontrasse no rumo ou pelo menos tentasse se (re) organizar dentro dos ditames do mercado. Para muitos, seria impossível escapar das regras instituídas internacionalmente pelos países mais desenvolvidos.

No momento, mesmo nos países mais pobres, o modelo de crescimento coloca no primeiro plano de preocupações a necessidade de aumentar a produção segundo parâmetros importados. Não é uma produção com fins sociais, mas essencialmente com objetivos econômicos cujo alcance é internacional. (SANTOS, 2008, p. 370).

Os (re) arranjos produtivos regionais promoveram um fenômeno já conhecido dos brasileiros: a migração. Este evento pode ocorrer de várias formas: entre continentes; entre países; entre regiões; entre cidades consideradas de menor ou maior importância; internamente entre o centro e as periferias da cidade.

Entretanto, mesmo a globalização sendo impiedosa, ela também reúne, por meio de seus recursos, fazer com que pessoas que passaram por este processo forçoso de migração a oportunidade de interagir com pessoas oriundas de outros locais ou do próprio espaço a ser ocupado. Esta outra globalização em construção e sugerida por Milton Santos (2003) propõe um global que concebe conhecimentos úteis e promova a uma velocidade que contribua para uma contraordem, de resistir ao modelo imposto.

O sentido da globalização e suas potencialidades entre nós vieram para não mais se desvincular. O problema residirá em como o sujeito, ou cidadão, ou indivíduo, vai empregá-lo próximo da realidade concreta em que o interesse econômico espacial subjugou as expectativas socioculturais do ser humano. Se por um lado temos essa face das “ideias dominantes”, como disse Tarde (2005), abrindo a possibilidade de uma uniformização planetária, por outro lado é preciso reconhecer nesse movimento uma gradativa substituição da “imposição autoritária” por uma “imposição persuasiva”. Tanto no passado como no presente a imposição permanece. Acreditaram-se ser livres, é a força da servidão:

O cidadão dos tempos novos orgulha-se de fazer uma *livre escolha* entre as proposições que lhe são feitas; mas, em realidade, a que ele aceita, a que ele segue, é aquela que responde melhor a suas necessidades, a seus desejos, que preexistem e resultam de seus hábitos, seus costumes, todo o seu passado de obediência. (TARDE, 2005, p. XXI).

Queiramos ou não, o Global está entre nós e em nós, e isto é fato. Mesmo havendo uma globalização da contraordem, ela é muito recente diante daquela que ainda se encontra hegemônica. Assim, a exigência de especializar espaços e seus sujeitos através da sua força verticalizada denota o quanto a globalização pode ser perversa. Na sequência, convidamos, a partir do Extremo Oeste Catarinense, compreender porque

o processo de migração, aqui reconhecido como êxodo rural, ocorre em uma pequena parcela desta sociedade regional – pais e filhos de camponeses – que são influenciados cultural e economicamente pelo Global de forma consciente ou inconscientemente no seu dia a dia.

### **3 O GLOBAL NA VIDA DOS CAMPONESES**

O meio técnico-científico-informacional venceu distâncias e acelerou o acesso à informação e aos bens de consumo. A globalização propagou-se tanto no meio urbano como no rural. Assim, as pequenas comunidades do Extremo Oeste Catarinense passam a usufruir desses bens e recursos, sendo a juventude local ao mesmo tempo agente e “vítima” desse processo. Tanto os bens de consumo quanto as opiniões obedecem a uma mesma lógica, sobretudo porque, desde uma perspectiva tardeana, são muito tênues as diferenças entre uma opinião e um bem de consumo (TARDE, 2005).

Embora o desenvolvimento tecnológico se sobressaia no campo do agronegócio, ferramentas e implementos modernos, maquinários sofisticados e a existência de agrotóxicos e fertilizantes que são despejados em grandes latifúndios, todos com a intenção de promover a alta produtividade agrícola; os mesmos não são disponíveis a todos pela situação/condição econômica de cada um. Ou seja, se não tem dinheiro para adquirir, não tem acesso ao meio técnico-científico-informacional existente.

No caso dessa macrorregião, a realidade atual ainda é composta por pequenas propriedades rurais de até uma colônia (25 hectares), geomorfologia íngreme que impede a utilização de tratores e colheitadeiras, e dotada de um grupo humano com mais vocação à agricultura familiar do que ao modelo agroexportador. Por isso, cabe aqui uma breve (re) construção da história destes sujeitos catarinenses para melhor entendermos o seu presente.

#### **3.1 Ocupações do espaço no Extremo Oeste Catarinense**

A história dessas comunidades inicia na década de 40 do século XX quando os primeiros madeireiros e agricultores, oriundos do Rio Grande do Sul, buscavam na árvore nativa Araucária um rendimento atrativo. Esta matéria-prima era desejada para abastecer a construção civil; “[...] à época e, principalmente e, posteriormente como um gesto nobre, que possibilitou a entrada da civilização em uma região de ‘puro mato’, onde ‘não tinha nada’ além de uma natureza ‘inóspita’” (SILVA, 2010, p. 96). Embora as dificuldades fossem consideráveis, os loteamentos com áreas definidas de 25 hectares (uma colônia) consolidaram a agricultura familiar e a criação de animais como vocação regional por um longo período.

Estes pioneiros eram migrantes das pequenas propriedades rurais da Serra Gaúcha, do Vale dos Sinos e da metade norte do Rio Grande do Sul. Portanto, as etnias que prevaleceram foram a italiana, a alemã, a polonesa e a luso-brasileira. O fenômeno ocorrido deveu-se à escassez de terras para o cultivo no estado vizinho e à oportunidade de aquisição de propriedades mais baratas nesta região.

A incorporação de hábitos e costumes sul-rio-grandenses manteve-se, tornando-se a agricultura de subsistência o modo de produção para que estas famílias sobrevivessem e permanecessem. Inicialmente, encontravam-se desprovidas de estradas, energia elétrica, escolas e outros meios técnicos que somente as cidades médias e grandes dispunham.

Na década de 80 do século XX ocorreram movimentos de Reforma Agrária e assentamentos foram estabelecidos na região. Contudo, a ausência de apoio e o próprio imaginário que se construiu entre os agricultores já existentes e os assentados provocaram discórdias e acirramentos entre as famílias. Os sem-terra “sofriam com a discriminação e o desprezo de uma parcela significava da população local, que os

via como uma ‘classe perigosa’, a ser permanentemente vigiada e controlada” (SILVA, 2010, p. 202).

Contudo, ao longo do tempo, as comunidades foram se integrando e estabelecendo vínculos afetivos mais próximos. O contexto local de abandono e distanciamento da capital, Florianópolis, promoveu a necessidade de uma aproximação entre esses dois grupos, com objetivo de implantação de algumas cooperativas, fazendo despertar uma nova postura na forma de gerenciar a produção regional. Além disso, essas associações passaram a ser encarregadas de fornecer um conhecimento não formal.

Nas duas últimas décadas, o leite, a suinocultura e a avicultura, despontam como um recurso produtivo e com renda mensal garantida<sup>5</sup>, provocando, assim, uma “coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta” (SUERTEGARAY; BASSO; VERDUM, 2000, p. 21). Porém as variações no custo de manutenção do processo são influenciadas pela oferta e procura como também da ração/pasto destinado aos animais<sup>6</sup>. Os cultivos de milho e fumo também se mantêm muito fortes entre os agricultores, entretanto, frente às não raras variáveis climáticas, acabam sofrendo prejuízos, seja através de estiagens prolongadas ou de invernos rigorosos com muita chuva e geadas.

Outro aspecto relevante a ser destacado diz respeito ao crédito agrícola e ao próprio seguro a ele vinculado que ocasionaram insegurança a esses pequenos agricultores rurais por se tornarem reféns de instituições financeiras identificadas e movidas exclusivamente pelo lucro. Além disso, existe a inconstância na produção e renda, o que gera instabilidade, insatisfação, baixa autoestima, alimentando uma cultura do medo que vem sendo gradativa e progressivamente assimilada pelas gerações futuras.

A trajetória histórica, alicerçada em uma cultura burguesa dominadora ao longo do tempo e espaço, refletia a diminuição do trabalho do homem do campo e da sua diferenciação para com o trabalhador da área urbana. No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (2006b, p. 31, grifo nosso) realizam uma analogia dizendo que

A burguesia submeteu o campo à dominação da cidade. Criou cidades tentaculares, aumentou maciçamente a população das cidades em relação à dos campos e, portanto, arrancou uma parte expressiva da população do embrutecimento da vida rural. E tal como subordinou campo e cidade, **tornou dependente os países bárbaros ou semibárbaros dos países civilizados; os povos agrícolas dos povos burgueses;** o Oriente do Ocidente.

Atualmente, essa subordinação não ocorre apenas entre países, mas dentro do próprio território nacional de forma endógena. Não diferente a isso, a cultura nacional brasileira, influenciada por este modelo, reproduz esta situação, não na aparência, mas na sua essência. Essa ideologia, culturalmente impregnada na sociedade e exigida pela globalização, estimula a desagregação do pequeno produtor rural que, por sua vez, repassa aos seus filhos o sentimento de que a vida digna se conquista na área urbana. As oportunidades oferecidas como o emprego com salário fixo e pago mensalmente, sem a oscilação das condições climáticas ou dos altos e baixos dos produtos agrícolas, promovem a percepção de uma condição econômica melhor. Com essa ideia, associam-se os ganhos com as leis trabalhistas como férias, 13º salário, adicional noturno, entre outros benefícios que, na agricultura familiar, não acontecem.

A configuração desse fenômeno tem base na própria divisão do trabalho em que rural e urbano não aparecem como complementares, mas de forma antagônica. Marx e Engels (2006a, p. 45) reforçam dizendo: “A divisão do trabalho no interior de uma

<sup>5</sup> Segundo Bianchini (2010, p. 32), o leite acabou suplantando as demais economias, monopolizando assim a dinâmica da Agricultura Familiar. Porém, do ponto de vista econômico, foi uma alternativa que proporcionou uma ascensão da condição de vida do agricultor. “A atividade leiteira passou a ter relevância na região a partir de meados dos anos 80, início dos anos 90, quando milhares de agricultores expulsos da atividade suinícola, encontraram na produção de leite a alternativa para compensar a renda perdida com a atividade anteriormente desenvolvida”.

<sup>6</sup> Consideram-se aqui as influências climatológicas do tempo no resultado das colheitas como também na forma de pensar e agir das pessoas quanto ao pessimismo e a falta de esperança quanto às intempéries.

nação leva, a princípio, à distinção entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e a conseqüente separação entre cidade e campo com a oposição de seus interesses.”

As questões de se estar próximo a uma cultura urbana onde se concentram instituições de ensino, hospitais, festas/danceterias, o celular que tem rede, a internet com banda larga, as ruas calçadas ou asfaltadas sem barro ou poeira, os supermercados acompanhados da gastronomia, as lojas que vendem em várias parcelas. Tudo isso incentiva o jovem agricultor a sair da sua propriedade rural e se encaminhar pelo mundo; considerado, por ele, como sendo cheio de oportunidades e magias que lhe encantam pelas facilidades ofertadas.

A região do extremo oeste catarinense, representada no município de São Miguel do Oeste como seu expoente, juntamente às pequenas cidades do seu entorno vem demonstrando que boa parte de sua área rural é representada por uma agricultura familiar fortemente baseada na produção leiteira, seguida da suinocultura, na avicultura e na produção de milho. Destaca-se que os latifúndios existentes na região desenvolvem a produção do gado de corte.

Percebe-se que ocorre hoje o envelhecimento da população rural e que os jovens buscam alternativas na cidade. Os próprios pais estimulam essa adesão ao urbano, negligenciando, assim, um passado de luta e muitas conquistas. Os valores e sentimentos incorporados a essas famílias são de que seus filhos não necessitam passar pelas mesmas dificuldades que eles passaram. “A cidade é de fato o local da concentração da população dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, enquanto o campo mostra exatamente o fato oposto, isto é, o isolamento e a dispersão” (MARX; ENGELS, 2006a, p. 83).

A própria Escola Rural, quando ainda existente, traz, na sua maioria, os docentes da área urbana que, por vezes, desestimulam as crianças e os jovens acerca da sua permanência no campo, através de relatos pessoais das condições desproporcionais existentes entre o Campo e a Cidade. Quando os alunos moram no interior e estudam na área urbana são estereotipados, por alguns colegas, como “da roça”, desprovidos de tecnologia e conhecimento técnico, esquecendo-se de que a informação já chegou aos rincões mais longínquos do Brasil.

A falta de consideração com o agricultor, ao longo do espaço e tempo, criou “feridas que não foram cicatrizadas”. Mesmo com toda a ajuda que lhe possa ser oferecida, a desconfiança e a dor acumuladas contribuirão para que a criança e o jovem migrem para o centro urbano. Independente de que existam políticas públicas de incentivo à permanência do homem no campo, com a melhoria das estradas, assessoria técnica gratuita, provinda do governo municipal, estadual e federal (porém incapaz de atender a todas as propriedades); acesso à educação básica com transporte público assegurado por lei; concessão de maquinário pesado, para melhoria da infraestrutura da propriedade; financiamento a fundo perdido para a construção de residência ou na produção agroecológica, entre outros.

Muitas destas propriedades estão se transformando em terras arrendadas, vendidas para o vizinho latifundiário ou tornando-se sítios de lazer para aqueles que residem na área urbana e que, nos finais de semana, realizam uma migração pendular para o campo. Trata-se de um paradoxo onde a globalização vigente vitima a população rural que resiste ainda nesta geração do campo. Já com a geração futura não se sabe... A segurança alimentar interna depende desses lugares incrustados nas regiões interioranas do território nacional.

### **3.2 O Global versus o Local**

As ações da globalização nesses espaços em que essas comunidades singulares e ao mesmo tempo plurais são desconstituídas prejudicam os hábitos e costumes do grupo. Pois inicia no econômico e chega ao sociocultural desencadeando um processo

inconsciente de desvalorização ou repulsão do espaço em que habitam. Trata-se de um Global tentando destruir o Local em benefício dos grandes aglomerados financeiros. “Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é cara geográfica da globalização” (SANTOS, 2004, p. 239).

As cooperativas transformadas em agroindústrias, estruturadas arduamente pelas famílias camponesas e alguns dos assentamentos instalados na macrorregião, vem se enfraquecendo diante das exigências do mercado global. Muitas das famílias que ajudaram a criar tais cooperativas abandonaram diante da pressão econômica e psicológica para a melhoria da qualidade e aumento da produção.

Muitos cooperativados passaram a trabalhar individualmente com receio e desconfiança a qualquer pessoa ou empresa que lhe proponha associação. Em uma das entrevistas informais que realizamos, um agricultor mencionou o seguinte:

*“Nós fundamos a cooperativa! Participamos de tudo! No início era parte dela. Hoje eles só querem que aumentem os litros de leite para valorizar mais o pagamento por ele! O presidente disse: ‘Ou tu entra no negócio ou tu sai dele! Eu preferi sair”* (IFSC/SMO/COPI – Pasta Arquivo 004 – Fev/2014).

O depoimento do agricultor demonstra a sua insatisfação pelo acondicionamento que a empresa lhe determinou. Isso não significa que a própria agroindústria também não passe pelo mesmo problema, pois as metas a serem atingidas e a sobrevivência no mercado competitivo exige que repassem esse procedimento administrativo sem encontrar, no momento, alternativas que possibilitem outros caminhos que consigam escapar deste círculo vicioso do mercado dominante. Nas palavras de Santos (2012, p. 63):

Acrescentamos a tudo isso a realidade das agroindústrias – atividades modernas, sequiosas de tecnologia, capitais, informação e altos lucros -, que passam a relacionar-se diretamente com os grandes centros. Só a produção direta é localmente. Mas a garantia de participar de uma lógica que é extralocal insere essas atividades em nexos cada vez mais extralocais.

Nesse sentido, há uma seleção dos cooperativados, independente da sua trajetória histórica na associação. A consequência para aqueles que resolvem abrir mão e “caminhar com suas próprias pernas” sofrem, resultando assim no retorno a uma agricultura de subsistência e não mais comercial.

O fenômeno acaba por desencadear um processo de revolta e baixa autoestima que passa a influenciar o sociocultural das comunidades. O dinheiro de antes, mesmo que pouco, circulante no comércio local, desaparece, restando a algumas famílias a permuta ou a espera de uma assistência social por parte do governo.

O filho que assiste a tudo isso cresce desmotivado com a agricultura e a pecuária, pensando na aquisição de uma fórmula que lhe oportunize escapar desse mundo local que não lhe propicia um mínimo de dignidade. Outro desabafo relatado por um agricultor da Linha Gramadinho, em São Miguel do Oeste, refere-se a como ele percebe as relações afetivas na comunidade ou “entre comunidades” quando o filho homem pretende permanecer no campo:

*Eu tenho seis filhos homens. Todos com idade entre 19 e 35 anos. Nenhum conseguiu uma moça da roça para namorar. Sabe por quê? Por que todos os meus filhos vão ficar na lida campeira: criando porco, galinha, gado, plantando milho ou fumo. As gurias daqui só querem saber dos ‘bundinhas da cidade’! Porque sabem que não vão ter que acordar cedo para tirar leite da vaca; cuidar da casa e dos filhos – na cidade tem creche – planta [cultivar] a horta e trabalhar de domingo a domingo. Os bichos não sabe o que é final de semana!* (IFSC/SMO/COPI – Pasta Arquivo 004 – Dez/2013).



A percepção deste agricultor<sup>7</sup>, simplória, mas carregada de reflexão própria, traduz um sentimento de indignação com a postura das “gurias-vizinhas de comunidade” que não querem namorar os seus filhos. Aqui, a influência da questão econômica para o êxodo rural foi ultrapassada e uma nova causa de cunho sociocultural para a existência deste fenômeno migratório, mesmo que pertencente ao discurso de um pai<sup>8</sup>.

O global não precisa de agricultura familiar. O global não precisa da existência de uma boa autoestima entre os jovens camponeses. O global só quer especializar espaços conforme as suas demandas hegemônicas.

O global não precisa de semente crioula para a produção, pois as grandes empresas estão aí para fornecer estas de modo transgênico a custos do comércio internacional. O global não precisa da pequena propriedade, mas sim do latifúndio com emprego de pouca mão de obra, porém mais bem qualificada e tecnificada.

Assim, o econômico que dissolve “trabalhos cooperativos”, mas não o novo modelo de cooperativa; o arcabouço sociocultural que resulta na mudança de hábitos e costumes como o casamento intralugar das famílias do campo; surgem para endossar o êxodo rural da região. Lembrando que não só estas questões preenchem o conjunto de interferências no meio, mas outros, como a área da educação.

Observa-se que a expansão da exploração capitalista no campo intensifica a concentração de terras, pela mercantilização agrícola, pela proletarização da mão-de-obra, e pelo esvaziamento das comunidades e de seus modos de vida, cedendo lugar ao agronegócio, que se firma como solução para o que se ressaltam a falência e a extinção do campo e da agricultura familiar, observa-se o avanço da monocultura e da concentração de terra. (PEIXER, 2011, p. 45).

O “Global-lobo”, mas com roupagem de “cordeiro”, ilude a juventude camponesa fornecendo a sensação de ousadia, coragem e controle das novas tecnologias por se considerarem perfeitas manipuladores do suposto “conhecimento” que é encontrado rapidamente e atualizado constantemente, por exemplo, na rede mundial de computadores (internet). Porém, eles se esquecem de que o que eles têm acesso não é conhecimento e, sim “informação”. Este sentimento não é exclusivo apenas dos jovens, mas de boa parte da sociedade.

A informação, sobretudo ao serviço das forças econômicas hegemônicas e ao serviço do Estado, é o grande regedor das ações que definem as novas realidades espaciais. [...]; E o crescente processo de homogeneização se dá através um processo de hierarquização crescente [...]. Nos outros lugares, a incorporação desses nexos e normas externas tem um efeito desintegrador das solidariedades locais então vigentes, com a perda correlativa da capacidade de gestão da vida local. (SANTOS, 2004, p. 285).

Um exemplo verificado na região por nós estudada é o estímulo por parte de um professor em uma das “Escolas do Campo”, que aqui caberia melhor chamá-la de “Escola Rural<sup>9</sup>”. O docente, ao avaliar as melhores notas da turma, comentou que aqueles que tiveram melhor desempenho deveriam migrar para os grandes centros em busca de aperfeiçoamento dos seus estudos, já que lá poderiam esconder-se da “alienação e atraso do campo.”

Este discurso foi encontrado em um dos formulários em que uma mãe comenta sobre a atitude do docente:

<sup>7</sup> Não estamos aqui para julgar o conteúdo de sua resposta, mas de tentar interpretar suas sensações sobre alguns fatores socioculturais que podem contribuir para o êxodo rural.

<sup>8</sup> Nesta entrevista encontramos algo que não é comum achar no censo sociodemográfico acerca da migração campo-cidade, pois dialogamos com um sujeito no seu “espaço de vivência”, local este que os agentes históricos ganham vozes e nos revelam novas significações sobre o objeto de estudo.

<sup>9</sup> Dizemos isso, porque segundo os movimentos sociais e a Academia, este tipo de reflexão não condiz com a Escola do Campo imaginada, mas com a Rural por representar uma ideia externa e fora da realidade, bem como a postura autocrática da professora que não valoriza o conhecimento empírico de seus alunos ou dos pais.

*“O que adianta a gente falar que a roça é bom? Que tem futuro? Que nós vamos deixar tudo pra ele? Se os professor disser pra ele que ele não deveria está aqui? Que deve ir estudar na capital: Florianópolis!”* (IFSC/SMO/COPI – Pasta Arquivo 004 – Formulário 38 – TExis/2013).

Nesse sentido, fica evidente a desesperança de uma mãe acompanhada sutilmente da crise geracional na continuação da permanência da terra em propriedade da família. Não estamos nos referindo apenas a um recorte espacial, mas a um lugar carregado de conquistas, lembranças ou perdas<sup>10</sup>.

Inclusive, ao percorrer as linhas no interior do município, principalmente em São Miguel do Oeste, conversamos informalmente com uma família (pais e filho) que produzia suínos; os mesmos expuseram que a produção estava difícil, que a cooperada estaria pagando um preço pelos animais muito abaixo do desejado, havendo, portanto, prejuízo.

Além disso, algo que também nos chamou a atenção refere-se ao fato de que aquele jovem de 19 anos que ali estava trabalhando ainda com seus pais, ter terra, ter ensino médio completo, era o único sujeito que residia naquela Linha do total de 20 jovens; os outros 19 acabaram migrando.

Os pais também expuseram a sua vergonha pelo fato de não terem tido a condição de oportunizar para o filho algo melhor na cidade, isto é, melhor do que cuidar das pocilgas. Portanto, o avanço nos estudos, mesmo que ele não tivesse interesse, na diminuição da penosidade, do horário alongado, acrescentado do trabalho insalubre. Diante do que foi exposto, verificou-se um lugar permeado pela sensação da família quanto ao preconceito que eles (ou achavam que) sentiam por parte dos trabalhadores da área urbana.

Em pesquisa, já na década de 80, sobre a Educação do Campo, Carlos Rodrigues Brandão (1983) relata o desejo de muitas famílias camponesas de migrarem para a cidade. Esses agricultores, segundo ele, demonstravam interesse de residirem na área urbana, buscando também um trabalho urbano com carteira assinada. Mesmo que para isso os membros do grupo tivessem que sofrer com algumas perdas ou expropriações ao longo do processo de reconstrução das suas identidades.

Mais uma vez o econômico e o sociocultural influenciam a condição de vida do jovem e de sua família. O êxodo rural, a partir da diminuição dos jovens na comunidade, faz-nos sugerir que estas pequenas propriedades não terão herdeiros, correndo o risco de essas terras irem parar nas mãos de um grupo ou de uma pessoa. Assim, de muitos minifúndios com produção diversificada, poderá aparecer o latifúndio dependente da economia de mercado.

O Global há muito tempo vem tentando realizar a mundialização no Local. Embora seja um mito, esforça-se para homogeneizar o lugar, dando-lhe um (re) significado que reflita seus interesses, seja em outras partes do planeta, seja no nosso caso específico. Trava-se, então, a batalha entre a “todo-poderosa” globalização homogeneizadora e a resistente e plural localidade. Será que o Lugar terá a sua chance?

### **3.3 A (re) significação do Local**

O Local, aqui também compreendido por nós no sentido de lugar, é resultante não somente de um recorte espacial, mas, principalmente, das relações solidárias e singulares que são praticamente interpessoais.

No lugar se constrói o diálogo, a permuta de ideias, a coexistência recíproca que aproxima as pessoas pela semelhança e também pela diferença. Nesse espaço pode-se produzir um conhecimento empírico que, por sua vez, conduz ao conhecimento técnico-científico, sobretudo porque ali o espaço ganha sentido por se aproximar da realidade vivida.

<sup>10</sup> É onde se iniciou as primeiras plantações, transformou-se o espaço, criou gado, construiu casa, nasceram os filhos.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são à base da vida em comum. [...]. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2004, p. 322).

Diferente do Global, o Local lhe antecede, surgindo na Pré-história. A necessidade de mulheres e homens sobreviverem fez com que parentes de uma mesma família convivessem em grupo, formando os clãs. As aprendizagens e a interpretação do mundo por esses clãs constituíram-se no dia a dia.

A observação da natureza e o desejo de nela tentar intervir, em benefício próprio, era uma aspiração do *homo sapiens*. Mesmo tendo iniciado pela contemplação mítica do ambiente e de ser parte integrante de Gaia, este processo de pertencimento foi se perdendo ao longo da história quando o ser humano sonhou que poderia ir além, ou seja, achava que poderia dominá-la, operá-la, explorá-la e manipulá-la em seu favor, utilizando, para isso, a conquista do arcabouço técnico e intelectual.

O meio técnico (mais tarde associado ao científico e informacional) que, ao longo da sua evolução no tempo e foi desenvolvido pelo homem, contribuiu tanto para a solução de problemas locais, como também se tornou um elemento desagregador das comunidades.

Os grupos solidários passaram a separar “os que pertenciam a eles” daqueles “que não pertenciam a eles.” As culturas institucionalizadas dos “de dentro” e os “de fora” construíram sociedades que cresceram e passaram a assimilar outros grupos, destacando-se inicialmente pela complexidade, mas que foram se fundindo espontaneamente. Com a chegada da Idade Antiga e, em especial, com a expansão repressiva do Império Romano, vê-se o desaparecimento de pequenas aglomerações humanas singulares.

O Local sempre sofreu pressão do Global para sujeitá-lo dentro de uma ordem econômica e cultural definida estrategicamente. Contudo, nos momentos de crise do Global, é justamente o Local que se sobressai, demonstrando ser menos vulnerável aos grandes eventos. Inclusive, apropriando-se da oportunidade para iniciar um contra modelo que pode recriar novos espaços.

Nesse sentido, as ações locais ou populares podem ser absorvidas pelo Global no seu estágio de recuperação como produto homogeneizador, transformando uma postura de uma comunidade particular em uma posição de mundialização. A sua capacidade de fazer fluir a informação associado ao seu poder de convencimento junto à cultura de massas<sup>11</sup>, naturaliza e torna comum o que é uma forma de pensar e agir próprio de um grupo em de todos.

Por isso, mesmo a localidade se opondo a globalidade, pode ser confundida com ela, já que determinados costumes locais podem se transformar em globais. Contudo, “o lugar”, ou melhor, os “outros lugares” não negarão as suas origens, mantendo, assim, mesmo seguido como exemplo, uma forma de resistência à dominação cultural. Ambas se fundamentam em ordens distintas:

A ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostas, ainda que em cada um se verifiquem aspectos da outra. A razão universal é organizacional, a razão local é orgânica. No primeiro caso, prima à *informação* que, aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima à *comunicação*. (SANTOS, 2004, p. 339).

<sup>11</sup> A cultura de massas não é algo impossível de ser combatido. A própria condição do contexto local pode ser uma forma de contraordem ao modelo proposto. Milton Santos (2003, p. 144) reforça essa ideia dizendo que: “Os ‘de baixo’ não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas.”

Enquanto que o Local possui uma razão que é baseada na comunicação, o Global reproduz informação. A comunicação pode proporcionar debates e diálogos que façam o conhecimento avançar. Já a informação que se atualiza constantemente, sobre a ótica da globalização, confere uma sensação de se ter acesso a tudo rapidamente. No caso da comunicação se repensa, na informação normalmente não.

Por isso, muitas verdades são construídas “inveridicamente” pelo fato de não se ter tempo por parte da sociedade de refletir ou retomar a discussão. Ninguém está livre de cair nessas armadilhas, desde o cidadão letrado até o mais intelectualizado.

Nesse sentido, recordamos um evento ocorrido em uma Escola da Alternância em uma turma de 2º e 3º anos do Ensino Médio em Agropecuária<sup>12</sup>, no município de Caib-SC (na fronteira da região do Extremo Oeste Catarinense).

O professor de Cooperativismo e Desenvolvimento Rural organizou uma visita técnica a uma feira internacional de agronegócio: a Expodireto, em Não-me-Toque (RS). No retorno dos estudantes, foram-lhe perguntados informalmente, na aula, quais seriam as novidades e o que eles puderam tirar de proveito da Feira. Antes da resposta, eles ficaram se olhando até que um tomou a iniciativa e comentou: “A feira é legal, mas não é prá nós!” Imediatamente lhe foi questionado, por quê? Prontamente ele respondeu: “Só tem equipamento e trator prá fazenda! Nada para as nossas propriedades... Tudo lá é prá terra plana. Aqui é dobrada”<sup>13</sup>!

Em termos institucionais houve uma grande propaganda com a coleta de imagens e da importância sobre a visita quanto à aprendizagem a ser adquirida. Porém, através deste relato percebemos que aquele imaginário que se criara em que os alunos retornariam com novos conceitos do ponto de vista da tecnologia no meio agrícola não se confirmou.

O evento surgiu para reforçar a condição em que estão inseridos. Isso não significa que não seja uma aprendizagem, até porque passou a reforçar a identidade local, com a ampliação da solidariedade do grupo.

Portanto, a instituição deixou-se levar pela empolgação junto aos mecanismos de divulgação da Feira, sem verificar realmente para quem ela era direcionada. Interessante que nem os alunos possuem ambição suficiente de se verem como futuros latifundiários do Extremo Oeste Catarinense. Parece-nos que as ilusões e promessas do Global ainda não os contaminaram.

O Local não é homogêneo. O Extremo Oeste Catarinense é uma região com uma geografia física própria, como o próprio sujeito estudante referiu anteriormente. Contudo, as pessoas que lá habitam, no campo, são sujeitos oriundos de diferentes etnias, religiões, posições financeiras e políticas. Embora todos eles estejam suscetíveis conjuntamente às leis do mercado que prejudicam a sua arrecadação junto às propriedades, eles podem se unir quando se sentem prejudicados.

Quando isso ocorre, o próprio Global impulsiona um sentimento de injustiça que passa a gerar a ampliação dos vínculos desses diferentes/heterogêneos a que ali acaba forçando uma coexistência para a solução do problema. Assim, tenta-se manter solidariamente a manutenção da sua dignidade como mulheres e homens produtores de alimentos.

O Local possui suas defesas quando se percebe ameaçado. Para isso, lança mão da resistência da qual se encontra na cultura singular, sua força. Porém, os assédios praticados pelo Global são desleais, principalmente quando se emprega o seu aparato tecnológico junto aos jovens por não conseguir atingir os pais.

<sup>12</sup> Na oportunidade, fui professor de Geografia Agrária no curso técnico do PRONATEC em Agropecuária ofertado pelo IFSC-Campus São Miguel do Oeste em parceria com o Estado de Santa Catarina naquele município. Os alunos tinham duas semanas de aula podendo ser em formato de internato ou semi-internato. Havia, então, duas semanas de aula e uma em que eles praticavam a teoria nas suas propriedades.

<sup>13</sup> “Dobrada” significa terreno íngreme ou acidentado, isto é, com um relevo formado por morros, o que impede o emprego de maquinários agrícolas.

Muitos jovens adolescentes do campo se sentem atraídos pelo Global, entretanto não podemos generalizar, já que os estudantes de Caibi-SC não demonstraram isso. O fato das tecnologias se encontrarem disponíveis, mesmo a altos custos para a aquisição, seduz pelas facilidades que podem ser reais. Junto desta propaganda acompanha paralelamente uma “força centrífuga” (processo de verticalização) que as ideias consumistas e de valorização de um espaço e o desprezo por outro são incutidos.

Nesse modelo, infelizmente, campo e cidade não são vistos como complementares e interdependentes, mas antagônicos. Inclusive, considerando que campo e a cidade estejam dentro do mesmo município, eles podem ser definidos como locais diferentes e isso acabam por induzir percepções distintas entre eles.

A combinação do trabalho agrícola e industrial é a expressão mais concreta que nega a concepção de que a cidade e o campo são mundos à parte. Na realidade se relacionam, se interagem em dependências recíprocas. A subordinação do camponês ao urbano é de fato constituída pelas relações políticas, construídas pela concepção analisada. Essa subjulgação é denominada descaradamente como integração em que os camponeses são dependentes nas formas política, econômica e tecnológica. (ARROYO, 1999, p. 59).

No momento atual, existem correntes com diferentes enfoques sobre a relação entre rural e urbano. Uma delas caracteriza a extensão do urbano sob o rural, recebendo, portanto, o nome de “rurbano<sup>14</sup>.” Essa vida urbana que é exercida pelas comunidades agrícolas está mais presentes, principalmente, nas proximidades das cidades maiores que, diante da pequena distância territorial, acaba por aproximar os grupos motivados pelo caráter econômico-cultural.

Nesse engodo, diante do tamanho continental do Brasil, essas relações econômicas e culturais no espaço entre os diferentes sujeitos geram de certa forma uma complexidade que não pode ser generalizada. Isto é, tais trocas são diferentes pelo fato do contexto em que acontecem os eventos também ser diferentes.

Portanto, as relações entre uma área rural de Porto Alegre-RS e a sua área urbana são muito diferentes daquelas existentes entre a cidade polo do extremo oeste catarinense São Miguel do Oeste e sua população camponesa.

As distâncias entre o centro e as periferias rurais podem ser até equivalentes em algumas situações, mas o mercado consumidor é muito diferente. Ser agricultor em Porto Alegre-RS não é o mesmo que ser agricultor em São Miguel do Oeste-SC, porque como diz Santos (1992, p. 77): “Cada lugar, pois, se caracteriza por um certo arranjo de variáveis, arranjo especialmente localizado e, de certa maneira, especialmente determinado. Esta é uma das formas como os lugares se distinguem uns dos outros.”

Por isso mesmo, há necessidade de se respeitar as especificidades de cada lugar, adotando-se uma racionalidade que auxilie as comunidades na resolução de seus problemas. Contudo, diante de Políticas Públicas generalistas que acabam por converter uma experiência local em uma normatização universalizada dentro do território nacional, há prejuízos das diferentes formas de se viver o espaço.

Não há como instituir medidas que tentem mitigar a tensão entre o campo e a cidade se não considerar os contextos ou o “espaço banal” destas populações. Com relação ao conceito de “espaço banal”, concordamos com Milton Santos quando diz que o lugar (também espaço banal) “seria o espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências” (SANTOS, 2003, p. 108).

Nestas constam climas, vegetações, relevos, hidrografia, distâncias a serem percorridas para o escoamento da produção agrícola, infraestrutura (estradas pavimentadas, outras não), culturas, etnias, entre outros; que sugerem escutar, debater,

<sup>14</sup> O termo “rurbano” é entendido por nós desde as polarizações existentes acerca do campo e da cidade, apresentado e explicado por Zilma Ilma Peixer (2011, p. 43): “Para outros, ainda, o rural já não existe, pois haveria a tendência à urbanidade, na qual o espírito da cidade e a cultura urbana perpassam e englobam todos os espaços.” Trata-se de um continuum do urbano sob o rural.

viabilizar, crescer, distinguir e formatar as ações em cada espaço que o camponês se perceba insatisfeito com a condição em que se encontram motivados pelo global.

No Brasil não há como estabelecer uma proposta concreta para o campo sem destacar as potencialidades físico-naturais associadas à riqueza humana de cada lugar. Como comparar o latifúndio dos Campos de Cima da Serra Catarinense (região de Lages-SC) da criação de gado e da produção de pinus com o Extremo Oeste Catarinense, baseado nas pequenas propriedades rurais cooperadas à produção leiteira, suinocultura e avicultura?

O Global acaba por determinar/gerenciar uma divisão do espaço, fragmentando-o em recortes de produção que atendam a política agroexportadora brasileira. Não se trata de um modelo novo. A colonização do Brasil, pautada nos ciclos econômicos, iniciada em 1500 com a exploração do pau-brasil e, hoje, com o agronegócio da soja, do café, da cana-de-açúcar, da laranja e demais frutas tropicais<sup>15</sup> são exemplos concretos da postura do Estado-Nacional.

Para o Global se manifestar, ele precisa do Local. Por mais que eles entrem em atrito, os dois estão onipresentes no mesmo espaço influenciando as transformações. O Local promove a ação dos agentes sociais existentes para o desenvolvimento do evento no espaço, ocasionando, portanto, a sua modificação. Ele utiliza a técnica-informação da globalização para intervir no fenômeno, seja no econômico, seja no sociocultural.

Portanto, o Local cultua os modos de vida, cria sentidos que são incompreendidos pelos grupos externos hegemônicos que, por sua vez, o consideram “atrasados” por não conseguirem se inserir dentro dessa racionalidade vertical em que o Global dita as regras para o Local.

No entanto, a lentidão dos “Locais” não se manifesta, para nós, como negativo, mas sim como aqueles que, por não se deixarem ser levados pelos movimentos culturais de massa, sobressaiam-se pelas alternativas marginais que criam para sobreviver nesse processo globalizante assimilador.

Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a ‘sua’ civilização para o resto do mundo. Agora estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. (SANTOS, 2004, p. 325).

A região do Extremo Oeste Catarinense está inserida dentro deste processo global do ponto de vista econômico. Porém, as singularidades, as percepções culturais dos grupos existem, podendo ser a resistência, ou já é a resistência não descoberta em relação ao Global.

Quando uma crise econômica atinge esta região, já se percebe a mobilização de lideranças locais em confronto com o Global criticando fortemente o condicionamento espacial de produção. Dá-se início a uma luta, mas que às vezes não é bem sucedida, proporcionando as derrocadas.

O exemplo mais claro é o sentimento do agricultor que não quer que seus filhos continuem no cultivo da terra e da criação de animais, pois acredita que o futuro da sua propriedade não será próspero,<sup>16</sup> conforme notamos no seguinte depoimento:

*“Sou colono, mas não gosto muito de ser. A gente não ganha dinheiro. A terra não é tão boa. O técnico da EPAGRI quase não vem aqui. Tenho quatro filhos. Um já foi embora e tá bem! Eu quero que os outros façam a mesma coisa. Eu também quero vender e ir morar na cidade. A terra é muito ruim. Tem um homem interessado em comprar. Ele já comprou o dos vizinhos. Quer cuidar de gado!” (IFSC/SMO/COPI – Pasta Arquivo 004 – Diário de Campo – Mar/2014).*

<sup>15</sup> Somam-se a isso a exportação de carnes: gado, aves e suínos, como também do extrativismo vegetal e mineral.

<sup>16</sup> Tal percepção foi coletada através do diário de campo que possibilitou registrar este relato pessoal de um agricultor no município de Paraíso-SC (Extremo Oeste Catarinense).

As justificativas corroboram com as altas e baixas do mercado leiteiro, com o trabalho braçal e penoso, com a falta de oportunidades para o desenvolvimento educacional e técnico dos filhos, com a própria percepção negativa e preconceituosa de ser agricultor. Nesse sentido, o urbano é mais atrativo por ser mais próximo da escola para os filhos e a promessa de saída da condição em que se encontra. Assim, através deste exemplo, acreditamos que o Global está vencendo o Local ou lugar camponês, forçando uma migração para busca de qualidade de vida, com efeitos de recriação de um novo espaço que se configurará, provavelmente, na concentração de terras nas mãos de poucos.

#### **4 O Global e o Local: algumas considerações**

O Global interfere no Local do Extremo Oeste de Santa Catarina, ditando regras e comportamentos para atender as necessidades de especialização do espaço. Contudo isso não elimina a possibilidade da força do lugar, com sua identidade própria e aliada a tecnologia, advinda da globalização, funcionar como uma resistência ao processo assimilador. A defesa do Local ocorre a partir da aproximação das redes de solidariedade global e da criação de alternativas encontradas na própria comunidade contra o poder de desestruturação das empresas e dos grupos hegemônicos. Milton Santos (2003, p. 174) reforça esta ideia dizendo que “a mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano.”

Portanto, o Local e o Global são dissociados muitas vezes, assim como se tenta fazer com o campo e a cidade. Na realidade eles convivem dentro de uma rede em que as trocas são constantes. Nas pequenas propriedades do Extremo Oeste Catarinense se produz leite que vai para as Empresas ou Cooperativas e que se transformam em derivados, encaminhando-se para o mercado interno e exportando para outros países.

Na contrapartida, países com economia mais tecnificada fornecem equipamentos necessários à manutenção destes minifúndios. Além disso, os homens de negócio, representados pelos grupos que controlam a economia, responsabilizam-se pela fluidez dentro do Global com a circulação de ideias, mensagens, produtos transformados, dinheiro... Em escalas de nível mundial, entre países e localmente. “Esse novo poder das grandes empresas, cegamente exercido, é, por natureza, desagregador, excludente, fragmentador, sequestrando autonomia ao resto dos atores” (SANTOS, 2003, p. 86).

Embora o campo esteja mais suscetível à incorporação do Global pelo nível de especialização no espaço que se efetivou, ele não atinge a todos da mesma forma e com a mesma intensidade, pois sempre se esquecem de recordar que a capacidade econômica de modernizar a produção agropastoril é controlada pelos mais abastados financeiramente e não pela maioria do povo camponês.

Portanto, os fazendeiros e os agricultores comerciais se enquadram mais nesta lógica de produção, gerando excedentes que lhe propiciam qualidade de vida e tecnologia para aumentar a produtividade. Mas como é que ficam os da contraordem? Lutam, pedindo ajuda a outros grupos que se encontram na mesma situação, unindo-se em solidariedade e permanecendo no Local ou, migram, contribuindo para agravar ainda mais o fenômeno do êxodo rural?

O Local e o Global funcionam em rede. São uno e múltiplo, estável e dinâmico, superpondo recortes espaciais da realidade, ora entrando em conflito, ora realizando trocas de produção, conhecimento, informação, recursos humanos, técnicas e matérias primas.

O Global e o Local são híbridos e mistos: coexistem para manter um sistema de relações econômicas, políticas, sociais e culturais em que o campo e a cidade se tornam as “áreas de experiências” destas duas manifestações. Por isso acreditamos que uma das causas do êxodo rural na região do Extremo Oeste Catarinense esteja vinculada à pressão do Global pela necessidade de se eliminar o velho recorte espacial da pequena

propriedade rural para a (re) criação de outra: a criação de gado nas “terras dobradas” e soja, quando o terreno permitir o uso de técnicas e maquinários<sup>17</sup>.

Além da ação do Global sobre o Local, também acreditamos que outros fatores, ora aproximando-se dos conceitos, ora afastando-se em virtude do seu tratamento, também merecem especial atenção para a migração das famílias nesta região catarinense. Entre elas, consideramos o espaço, discutindo então algumas categorias de análise que possibilitam a ampliação, tanto deste conceito como também do fenômeno do êxodo rural.

Outro contributo é o tempo em suas diferentes escalas e convívios comuns entre as pessoas, isto é, a existência de diferentes temporalidades. O tempo também pode representar mudança como atraso. Por isso, “quando o *velho* não pode colaborar para a expansão do *novo*, a lógica do capital manda que seja eliminado” (SANTOS, 1992, p. 79). Sugerimos também que a própria reconstrução histórica do Brasil e, mais especificamente, da ocupação da região do Extremo Oeste de Santa Catarina se faz indispensável para um estudo mais aprofundado do êxodo rural nesse espaço em movimento. Contudo, isso não vai se desvencilhar dos conceitos de Global e Local, tão importantes para uma compreensão mais dinâmica do fenômeno.

Nesse espaço com múltiplas interpretações da realidade surge a educação que deveria mediar às diferenças, mas acaba sendo influenciada por um modelo global imposto e manipulador. Portanto, ela vive o Local, mas compactua com o Global, influenciando e definindo padrões de comportamento nos estudantes que acabam por destoar das realidades vividas na comunidade camponesa.

Os discursos dos entrevistados nos ofertaram um demonstrativo empírico de quanto os agricultores, pais e filhos, são carentes de reconhecimento, de qualidade de vida, da valorização do seu trabalho, da falta de investimento em educação e políticas públicas que atendam as suas necessidades ou do quanto são marginalizados pelo modelo urbanocêntrico.

O evento do Global e do Local adentra nesse cotidiano de mentes e corações, definindo sentimentos conscientes e inconscientes motivados pela ausência ou menor prática da reflexão na contemporaneidade. Assim, esses conceitos não estão desvinculados de outros fatores como do tempo, do espaço, das políticas públicas e, principalmente, da educação. “Percebe-se que enquanto estivermos presos a uma interpretação apenas teórico-administrativa, sem considerarmos as matrizes sócio históricas e epistemológicas da educação no meio rural, estaremos apenas dando continuidade a um processo, por natureza, desigual e excludente” (LEITE, 2002, p. 89).

A proposta não pretende encerrar a discussão, pelo contrário, ela tenta abrir caminhos para questionamentos que o amplie, pautado em uma crítica construtiva à globalização quando analisado sobre a perspectiva do espaço e das consequências para as diferentes localidades.

O Global está presente no espaço e dentro dele, na sua vivência existem escolas e nestas uma educação que, sem perceber, se encontra a mercê da realidade imposta internacionalmente. Por mais que as Escolas do Campo sejam uma resistência aos modelos externos, elas ainda não são suficientes para elucidar os anseios juvenis do espaço camponês, sobretudo porque são recentes e ainda se encontram enfraquecidas pelo exercício de desmonte Local pelo Global nesta.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO IF-SC Campus São Miguel do Oeste. Coordenação de Pesquisa e Inovação. Projeto de Pesquisa PIBIC-EM 2012-2014. Pasta Arquivo 004. PAULA, J. F. de (Coord.) *Percepções acerca do espaço rural no extremo oeste catarinense: o jovem e a agricultura familiar no município de São Miguel do Oeste*. São Miguel do Oeste, 2014.

<sup>17</sup> Constatado a partir das entrevistas realizadas.



ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BIANCHINI, S. *O futuro das propriedades familiares sem sucessores: o caso do município de Paraíso-SC*. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia)– Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BRANDÃO, C. R. *“Casa de escola”*: cultura camponesa e educação rural. Campinas: Papyrus, 1983.

\_\_\_\_\_. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBBSAWM, E. J. *A era do capital*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEITE, S. C. *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Feuerbach: a contraposição entre as comovisões materialista e idealista. São Paulo: Martin Claret, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006b.

PEIXER, Z. I. O entrelaçar dos conceitos de campo e cidade na constituição de territorialidades educacionais. In: MUNARIM, A. et al. *Educação do campo: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas*. Florianópolis: Angular, 2011.

SALLUM JR., B. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. *Tempo Social*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 23-47, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12305/14082>>. Acesso em: 11 maio 2017.

SANTOS, B. de S. Um ocidente não-ocidentalizado? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, A. L. da. *Fazendo cidade: memória e urbanização no extremo oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2010.

SUERTEGARAY, D. M. A.; BASSO, L. A.; VERDUM, R. (Org.). *Ambiente e lugar no urbano: a grande Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

TARDE, G. de. *A opinião e as massas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.